

Desafios da prática pedagógica
face a docência universitária:
um estudo com professores do
Curso de Enfermagem



Paula Trindade da Silva Selbach



Esse estudo discute como um grupo de docentes do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas expressa suas concepções a respeito das práticas pedagógicas que desenvolvem e do trabalho coletivo que estão vivenciando para a construção do projeto político-pedagógico, tendo em vista as mudanças anunciadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a área da Saúde.

Através dessa pesquisa pode-se percorrer um caminho que favoreceu um olhar sobre os desafios que profissionais enfrentam quando assumem a docência como sua profissão, pois há razoável consenso de que para exercer a docência no ensino superior é suficiente o domínio nos conhecimentos específicos e sua identificação é o exercício profissional na área de atuação dos professores.

Os dados obtidos através da aplicação de entrevistas semi estruturadas, à uma amostra de cinco professores do Curso, foram analisados, preferencialmente à luz do referencial de Cunha (1998, 2001, 2002, 2005), Anastasiou (2002, 2005), Zabalza (2004), Pimenta (2002), Bernstein, (1996,1998, 2000).

Os resultados nos possibilitaram perceber que a formação e a complexidade da docência universitária são provocativos para alguns profissionais investirem no trabalho coletivo como forma de construir e sistematizar, através do PPP, um currículo menos fragmentado que ajude a formar os alunos em uma perspectiva mais global. Verificamos, também, que esses profissionais, ao tornarem-se docentes, consideraram importante ter estudos no campo do ensinar que os ajudem a melhor compreender as práticas que desenvolvem.

APOIO:



ISBN 978-85-7862-041-7

Paula Trindade da Silva Selbach

**Desafios da prática pedagógica universitária
face a reestruturação curricular:
um estudo com professores
do Curso de Enfermagem**

São Luis/MA
EDUFMA
2009

FICHA DE CATALOGAÇÃO

S464d Selbach, Paula Trindade da Silva. Desafios da prática pedagógica universitária face a reestruturação curricular: um estudo com professores do Curso de Enfermagem. São Luis/MA: EDUFMA, 2009, 112p.il.

ISBN 978-85-7862-041-7

CDD 378.17

Capa: Richard Prince (American, b. 1949) Mission Nurse 2002
Ink jet print and acrylic on canvas 70 x 48 inches
Tiragem: 300 exemplares

Adaptação da Dissertação de Mestrado
Desafios da prática pedagógica universitária face a reestruturação curricular: um estudo com professores do Curso de Enfermagem,
defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade Federal de Pelotas,
sob orientação da professora Dr. Beatriz Maria B. Atrib Zanchet

Edição desenvolvida através do projeto e-ufma
Visite e saiba mais
das nossas propostas de inclusão digital

Recursos para versão impressa obtidos pelo
Programa de Pós-Graduação em Cultura - PGCult
e Núcleo de Educação de Jovens e Adultos - NEJA
Universidade Federal do Maranhão
Reitor Natalino Salgado Filho
Diretor Edufma: Ezequiel Antonio Silva Filho

Acesse este livro através do Portal Google Pesquisa de Livro

De acordo com a Lei n.10.994, de 14/12/2004,
foi feito depósito legal na Biblioteca Nacional

Ao meu esposo, Jeferson

*Não nasci marcado para ser um professor assim (como sou).
Vim me tornando desta forma no corpo das tramas,
na reflexão sobre a ação, na observação atenta a outras práticas,
na leitura persistente e crítica. Ninguém nasce feito.
Vamos nos fazendo aos poucos,
Na prática social de que tomamos parte.*

Paulo Freire

SUMÁRIO

Apresentação	9
Na minha trajetória encontro a decisão por estudos na área da educação	13
Caminhos Investigativos	23
A Docência Universitária: tecendo algumas considerações	29
Curso de Enfermagem: mudança de cenário e algumas decorrências	59
As expressões dos professores sobre o exercício da docência, práticas e concepções de conhecimento: continuando o percurso de análise	77
O que aprendemos nessa caminhada: tecendo comentários finais	91
Referências	99
Entrevistas aplicadas a professores do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas	103

Apresentação

O livro *Desafios da prática pedagógica face a docência universitária: um estudo com professores do curso de enfermagem*, de autoria de Paula Selbach, coloca para os leitores e leitoras o desafio de refletir sobre a docência universitária como um campo específico de intervenção profissional na prática social.

As reflexões nele apresentadas trazem para o debate um conjunto de questões que poderão explicitar, a um só tempo, a importância da formação científica, pedagógica e política do docente universitário para o exercício de suas atividades nos cursos de graduação.

Alertar-nos, também, para a complexidade dos aspectos que essa formação abrange e, ao mesmo tempo, exige. O desenvolvimento profissional dos professores tem-se constituído em um objeto de pesquisa que busca valorizar a formação não apenas baseada na racionalidade técnica, que os tem na conta de executores de decisões alheias, mas numa perspectiva que considere sua capacidade de decidir.

Isso indica que sem sua participação, seus saberes, seus valores, suas análises na definição de políticas de ensinar, de organizar e gerir currículos, de propor mudanças nas formas de ensinar e nas formas do trabalho pedagógico, quaisquer diretrizes, por mais bem elaboradas que sejam, não se efetivam. Sem o

empenho, ousadia e comprometimento dos professores, mudanças não se realizam.

O texto através do qual Paula nos provoca a pensar sobre a complexidade da docência universitária, enfatizando as práticas pedagógicas de professores que atuam em um Curso da área da saúde, decorre de sua pesquisa de Mestrado em Educação desenvolvida em uma Universidade do sul do estado do RS.

Para compreender a complexa trama que envolveu seu horizonte de análise foi necessário coragem e ousadia da pesquisadora para poder identificar as mudanças que se processavam na estrutura do Curso, provocadas pelas políticas públicas. E isso não foi pouca coisa.

Lançar-se aos estudos das Diretrizes Curriculares Nacionais propostas para esses Cursos, entender a proposta explicitada no Projeto Político-Pedagógico do Curso e adentrar na discussão sobre a dimensão profissional do docente universitário foram condições importantes para o desenvolvimento do estudo aqui apresentado.

A forma original e ética utilizada pela autora para investigar como os profissionais pesquisados consideravam a docência – como sua profissão ou apenas como o trabalho que exerciam – resultou em um denso e rico material para análise.

O tema estudado por Paula reveste-se, pois, de grande importância para as pesquisas que se dedicam a compreender a microdinâmica das práticas pedagógicas de professores universitários desafiados pelas mudanças propostas pela macroestrutura do processo político.

É por tudo isso que é uma honra e um prazer apresentar e recomendar esse livro na certeza de que ele enriquecerá o debate e os estudos que se dedicam a refletir sobre os desafios da docência universitária.

Janeiro de 2009.
Beatriz Maria Boéssio Atrib Zanchet



Na minha trajetória encontro a decisão por estudos na área da educação

Apresento nesse texto algumas lembranças que me motivaram e sustentaram minha decisão pela profissão docente.

Meu interesse pela área da educação deu-se desde a infância quando ingressei no Jardim A, do atual Instituto Estadual de Educação João Neves da Fontoura de Cachoeira do Sul/RS. Durante as aulas observava atentamente as professoras e a forma como trabalhavam. Ao chegar em casa, tentava imitá-las, repetindo as aulas na forma da "brincadeira de escolinha". Brincava desta forma até completar 10 anos de idade, quando tentava alfabetizar minha irmã mais nova contando-lhe historinhas e espalhando cartazes com as letras do alfabeto pelo quarto.

Até o término do Ensino Fundamental (5ª a 8ª série) mantinha vivo o desejo de seguir a carreira docente. Naquela época adorava os trabalhos em grupos propostos pelas professoras e sempre era a escolhida para ir "falar lá na frente". Nas rodas de amigos, colegas e na própria família, sempre que tocávamos no assunto sobre qual profissão seguir, continuava reafirmando a vontade de "ser professora".

Na última série do Ensino Fundamental fazia parte do grupo que "liderava" a turma e tudo questionava. Lembro-me de uma situação decorrente desses tempos de questionamentos em que tivemos sete professores de Língua Portuguesa diferentes, em apenas um ano letivo. Só nos adaptamos com uma professora que iniciou

seu trabalho no final do ano, mas, para nossa satisfação ela prosseguiu com a turma no ano seguinte. No entanto, em função dos horários, tiveram que tirar essa professora de nossa turma.

Sentindo-me lesada, fui, com mais cinco colegas, argumentar junto à direção da escola pela permanência da professora. Infelizmente, não consideraram nossas reclamações e outra professora assumiu a disciplina de Língua Portuguesa e começou seu trabalho em meados de junho.

Quando a nova professora assumiu a turma, não perguntou quais conteúdos já tinham sido desenvolvidos. A solução adotada foi repetir todo programa anual, para que não deixássemos de estudar qualquer assunto. Percebi, imediatamente, o “equivoco” e agilizei para que, em grupo, tentássemos resolver esse problema com a professora. Mas ela não nos deu atenção e seguiu aquilo que tinha decidido.

Ao lembrar esses fatos, percebo que sempre me mantinha atenta nas aulas e observadora das práticas dos professores. Refletia sobre a forma como eles ensinavam e percebia que aqueles professores que mais prendiam a atenção da turma e, conseqüentemente, obtinham sucesso em suas estratégias de ensino, eram aqueles que possibilitavam momentos de troca e participação em aula com os alunos. Essas observações pareciam-me que confirmavam minha escolha de ser professora.

No entanto, muitas dúvidas surgiram quando precisei escolher o Curso que iria fazer no ensino médio. Na 8ª série, o grupo de colegas com as quais mais convivia tinham decidido seguir os estudos optando pelo Curso Normal, que oferecia a habilitação de trabalhar em creches e nas primeiras séries do Ensino Fundamental (1ª a 4ª). Mas a escola que eu estudava também oferecia o Curso de Enfermagem e o ensino médio propedêutico. As discussões sobre as escolhas que faríamos eram freqüentes entre os colegas. Aguçada pelos testes vocacionais, ficava confusa sobre qual seria a melhor escolha a tomar.

Nas discussões e nas rodas de amigos, muitos argumentavam que o Curso Normal não dava subsídios em termos de conteúdos necessários para o ingresso numa Universidade pública, pois não tinha todas as disciplinas exigidas nos vestibulares.

Foi um momento que eu considero muito importante, pois novamente reafirmei a decisão pela escolha da carreira e optei por ingressar no Curso Normal. Não posso negar que o fato desse Curso ser profissionalizante também pesou em minha decisão, pois representava a oportunidade de fazer concurso e conseguir trabalhar no magistério. Prestei a prova de seleção e ingressei no Curso Normal, também ofertado pelo Instituto Estadual de Educação João Neves da Fontoura, com duração de 3 anos, mais 6 meses de estágio em sala de aula.

Continuamente observava como eram as práticas nas disciplinas que preparavam os professores e aquelas que tratavam de cultura geral. Via, por exemplo, que algumas disciplinas direcionavam para o saber-fazer tecnicista, ensinando como elaborar um plano de aula adequado, como comportar-se na frente dos alunos, como dividir o quadro-negro e apagá-lo. Outros assuntos também eram tratados de forma técnica, como se fosse a única forma possível de aprender a “dar” aulas. Muitas vezes, ensinavam detalhes do tipo: a letra usada nos cartazes tinha que ser bonita; a matriz onde iríamos escrever a lista de exercícios para os alunos não poderia estar “borrada”, dentre outros que eram considerados importantes para a formação do professor para as séries iniciais.

Nos momentos em que refletia sobre o que estava aprendendo para ser professora, deparava-me com algumas questões, como por exemplo: mas, o quê vou ensinar para os alunos? Essa pergunta decorria do fato de perceber que durante o Curso não estava desenvolvendo habilidades que deveria ter depois de formada.

Por outro lado, tínhamos disciplinas que se limitavam a abordar técnicas para desenvolver com os alunos. Enfatizavam aquelas que envolviam joguinhos e ábaco para explicar matemática, bingo das palavras, para estimular o aprendizado da língua portuguesa, álbuns de exercícios que poderiam servir para qualquer disciplina e álbuns de textos para datas comemorativas, dentre outros.

As leituras de textos que permitiam debates em torno da educação eram relegadas a segundo plano, fazendo-nos ler, por exemplo, histórias de animais de Rubem Alves. Destas leituras não se sucediam atividades de reflexão que corroborassem para a prática.

No Curso Normal, era comum pedir para os alunos substituírem professores que, por alguma razão, não pudessem comparecer às aulas nas suas escolas. Nesse momento percebíamos nossa fragilidade em relação aos conteúdos e a forma como trabalhá-los. Sentíamos que faltava algo no ensino que estávamos recebendo.

Como não conseguia identificar, ou talvez não compreendesse o que faltava no Curso que nos ajudasse na preparação para sermos professoras, dedicava-me a aprender cada vez mais as atividades técnicas, pois acreditava que elas poderiam ser alternativas para aprender a dar aulas.

Terminado o Curso Normal, resolvi prestar vestibular na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Para minha surpresa, não sabia que curso gostaria de fazer. Ao escrever essas lembranças, percebo atualmente com mais clareza, que minha dúvida era fruto dos problemas enfrentados durante o Normal.

As lacunas deixadas na formação de professora de séries iniciais aliadas ao desprestígio dos professores no mercado de trabalho, eram razões que pesavam para a definição do curso superior que deveria fazer. Refleti muito para decidir se deveria tentar cursar Serviço Social ou Pedagogia. Como ainda mantinha o desejo de ser professora, reafirmei minha posição optando por Pedagogia. Apesar de poder cursar a habilitação *Séries Iniciais*, oferecida aos sábados, na modalidade do Programa Brasil, identifiquei-me com *Supervisão Escolar* no regular, pois tinha para mim que esta habilitação me proporcionaria algo a mais em minha formação.

Iniciei o Curso de Pedagogia em 2001, concomitante ao trabalho de estágio do Curso Normal. Apesar de ter tirado nota máxima no estágio, estava decidida que não me sentia a vontade para trabalhar com as séries iniciais do Ensino Fundamental. Portanto, tinha certeza de ter feito a escolha certa ao optar pela Supervisão Escolar.

O Curso de Pedagogia despertou meu interesse por leituras, discussões e reflexões em torno de assuntos que envolviam a educação. Das experiências acadêmicas vivenciadas ao longo do curso, aquela que julgo mais importante foi a aproximação com a pesquisa. Na época em que ingressei no Curso havia um intenso movimento na direção de estimular os professores para desenvolverem atividades de pesquisa com os alunos. Por conta

dessa existência de investimentos para a investigação científica, desenvolvi alguns trabalhos no decorrer do curso.

No primeiro semestre, pesquisei sobre *Alunos Portadores de Altas Habilidades em escolas convencionais*, trabalho apresentado na Mostra de Iniciação Científica da UNISINOS, em junho de 2001. Nele, procurei analisar como a escola formal lidava com alunos portadores de altas habilidades, como ela trabalhava com essas habilidades e como inseria os alunos no meio escolar tradicional.

No segundo semestre de 2002, desenvolvi a pesquisa *A inclusão dos alunos autistas*, na qual procurei entender como se dava a adaptação desses alunos na escola regular, observando se os professores estavam capacitados para realizar trabalho nessa direção. Analisei o contexto escolar em geral, para identificar o êxito do trabalho do professor.

Sempre tive como disciplinas e leituras favoritas aquelas que se relacionavam diretamente com os temas do trabalho do supervisor. O papel de gestor que propõe alternativas, que fomenta discussões e reflexões entre os docentes muito me fascinava. Tinha vontade de vislumbrar este trabalho na prática, de ouvir experiências de trabalhos bem sucedidos com os professores. Mas foi justamente nessa perspectiva que o curso apresentava algumas falhas. Da metade para o final do Curso, as atividades começaram a ficar muito teóricas. Como a teoria estava distanciada da prática, criou-se uma situação de inconsistência nas discussões necessárias para preparar-nos para o desafio da profissão. Observava que muitos professores não avançavam na discussão, e repetiam clichês, frases de efeitos, sem contextualizar com a vivência cotidiana.

O conhecimento adquirido na e pela prática do supervisor ficou como lacuna em nossa formação. Porém, este momento não foi vivenciado exclusivamente pela Universidade que freqüentei. Em todo país a situação era a mesma. Aconteciam debates no Ministério da Educação sobre o papel e função do Pedagogo, em especial do Supervisor nas escolas. As próprias professoras do curso questionavam a denominação "supervisor". Argumentavam que havia corrente teórica que associava esta nomenclatura, instituída na época da ditadura, ao trabalho nas fábricas, o sujeito que cobrava e fiscalizava os "operários". No caso da escola, os operários eram os professores.

Outras discussões que surgiam durante as aulas diziam respeito à forma de desenvolver a supervisão escolar. Nesse caso, eram apresentadas duas vertentes: um supervisor burocrático que se preocuparia com a apresentação dos cadernos de frequência, que preencheria relatórios; ou um supervisor no sentido de direcionar suas ações para auxiliar no trabalho docente.

Apesar das situações que relatei, reconheço que o curso possibilitou-me muitas leituras, oportunizou-me ingressar em atividades de pesquisa e produção textual.

Ao escrever estas lembranças, tenho a sensação de ter vivido um momento de ambigüidade na minha formação. Estava fascinada por uma profissão que parecia extinguir-se,¹ ou pelo menos mudando radicalmente de concepção. Mesmo assim, refletia sobre a escola, o trabalho dos professores durante as pesquisas e via muitas possibilidades de atuação do supervisor e muitas fragilidades no desenvolvimento da prática docente nas escolas, principalmente no que se referiam às leituras sobre educação.

Atualmente, analiso que um dos aspectos do desprestígio do profissional que atua na supervisão das escolas é decorrente da visão que predominava naquela época, quando o supervisor tinha a função de fiscalizar os professores, cuidando para que eles cumprissem o programa das disciplinas.

Uma experiência significativa na minha formação foi o estágio na área. Decidi realizá-lo numa escola particular onde lecionava informática. As professoras orientadoras da Prática de Supervisão não aconselhavam que o estágio fosse realizado em escolas particulares porque o espaço para o desenvolvimento do trabalho poderia ser limitado. Mesmo assim, optei por fazê-lo na mesma escola, o que me facilitaria muito, pois ali trabalhava por 30h.

A supervisora titular da escola tinha 30 anos de experiência e me acolheu para o trabalho. Pude ajudá-la no Projeto Interdisciplinar que desenvolvia, na época, com os professores. Por outro lado, ela fazia questão que a auxiliasse nas questões burocráticas, como análise de currículo de alunos que vinham de outras escolas ou

¹ Houve algumas mudanças nas Diretrizes dos Cursos de Pedagogia, durante o período em que ainda estava cursando. Uma delas foi a extinção da habilitação de supervisão escolar, ficando apenas a habilitação de séries iniciais.

desejavam ir para outros lugares, preencher relatórios internos, etc. Dizia ela: “isto também é papel do supervisor e tu tens que saber”.

Como as professoras da faculdade já haviam me alertado, o estágio acabou sendo um pouco prejudicado pelo fato de estar numa escola particular, pois não podia organizar reuniões e nem propor atividades com os professores, como faziam as colegas que optaram por escolas públicas.

O entendimento da direção era que a escola não podia abrir espaços nas reuniões para experiências propostas por estagiários. Mesmo assim, esse período foi muito interessante e possibilitou-me analisar e questionar várias coisas, como o projeto político-pedagógico, comum a todas as escolas da rede, não importando em que cidade se localizasse. Com o quadro de conteúdos era a mesma coisa. Na época, desenvolvi uma pesquisa analisando estes documentos, inclusive o quadro de conteúdos que colocavam disciplinas similares lado a lado, de maneira justaposta como se, assim, pudessem auxiliar em atividades interdisciplinares.

Outra experiência marcante foi o Estágio da Docência. De certa forma, revivi os tempos em que tinha estudado no Curso Normal e tentei fazer um trabalho diferente, com questões que senti falta durante o curso. Foi nessa oportunidade que optei por utilizar o portfólio como método de ensino, aprendizado e avaliação. O trabalho não foi totalmente bem sucedido. As alunas não gostavam de reescrever os trabalhos, pediam provas objetivas, marcar respostas certas e completar frases, enfim, o caminho mais “fácil”.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, realizei uma pesquisa que apresentei na Mostra de Iniciação Científica da UFRGS, em outubro de 2005, intitulada *A utilização do portfólio visando à melhoria do processo de avaliação no Curso Normal de uma escola da rede estadual de Cachoeira do Sul/RS*. Meu objetivo foi analisar como ocorria o processo de ensino e aprendizagem através do uso do portfólio; verificar como esse instrumento interferia na desenvoltura oral e escrita dos alunos. Além disso, pretendi observar a possibilidade dos alunos perceberem seu crescimento intelectual, motivando-os para novas aprendizagens. A pesquisa foi realizada através da metodologia de análise dos documentos (32 portfólios) e de observação dos alunos (20 horas em sala de aula). Constatei que

muitos alunos demonstravam dificuldades na interpretação de textos e de questões. Além disso, apresentavam problemas para realizar a expressão escrita solicitada nos trabalhos, principalmente, quando tinham de escrever conclusões e opiniões decorrentes das leituras.

No final do curso, meu interesse continuava voltado para o desenvolvimento de trabalhos científicos e para a pesquisa, o que foi determinante para pensar em realizar um Curso de Mestrado em Educação.

A escolha do Curso de Mestrado em Educação e a intenção de pesquisa a ser realizada estavam alicerçadas sobre fatos ocorridos entre os professores da Universidade onde eu estudava. Questões que envolviam a docência universitária começaram a atrair a minha atenção.

Lembro, por exemplo, de alguns destes fatos que eu tomava conhecimento. Um deles foi quando os professores da Universidade discutiam o índice de reprovação dos alunos no Exame da Ordem dos Advogados Brasileiros (OAB). Lá pelas tantas, certo professor, que também era Promotor Público, afirmou categoricamente: "Precisamos reprovar mais os alunos que apresentam dificuldades, que não tem condições de prestar a prova". Fiquei surpresa ao saber que o professor não havia mencionado nada a respeito da forma como eram desenvolvidas as práticas docentes, nem refletiu sobre a possibilidade de direcioná-las para que os alunos melhorassem sua aprendizagem.

Em outra reunião pedagógica, discutia-se sobre a utilização da pesquisa como método de ensino. Explicavam para os docentes que práticas dessa natureza já vinham sendo desenvolvidas em cursos como Pedagogia e Serviço Social. Durante as explicações, um professor do Curso de Odontologia disse que "trabalhar com pesquisa é muito fácil na Pedagogia onde se trabalha com o senso comum, mas na Odontologia não é tão simples assim, eu uso uma broca, e já sei que ela é a melhor e já mostro aos alunos."

Mesmo observado a situação de fora, apenas como acadêmica do curso de Pedagogia, esses fatos aguçaram-me no sentido de melhor compreender as questões referentes à prática docente na Universidade, pois sabia que muitos dos profissionais que ali atuavam, apesar de serem considerados docentes de fato, não tinham formação pedagógica.

Associava as leituras do Curso sobre o papel do supervisor com os fatos ocorridos na Universidade. Percebia que o supervisor poderia contribuir ou auxiliar em discussões entre os professores para despertar-lhes a reflexão sobre as práticas que desenvolviam.

Essas situações, junto com as leituras que fazia, despertaram-me o interesse para as questões que envolvem a Pedagogia Universitária.

Nessa perspectiva, desenvolvi esta pesquisa para tentar compreender como docentes do Curso de Enfermagem da UFPel expressam suas concepções a respeito das práticas pedagógicas e do trabalho coletivo que estão vivenciando para a construção do projeto político-pedagógico do curso.

Caminhos Investigativos

Neste capítulo, explico e justifico as decisões de natureza teórico-metodológicas assumidas no planejamento e no desenvolvimento da investigação. Apresento, assim, o que me levou a escolher o campo empírico, os objetivos e o tipo de estudo realizado, descrevendo o espaço e os sujeitos da pesquisa, os instrumentos e procedimentos da investigação, bem como o tratamento dos dados.

A escolha pelo Curso de Enfermagem da UFPel

Minha inserção no projeto de pesquisa *Trajelórias e Lugares da Formação da Docência Universitária: da perspectiva individual ao espaço institucional*¹ desenvolvida em parceria por grupos de pesquisa dos PPGEs em Educação da UNISINOS e UFPel, ajudou-me a compreender a docência universitária em suas múltiplas dimensões, bem como motivou-me a questionar as diferentes alternativas e lugares da formação do docente universitário. Na investigação mencionada direcionamos os estudos para a formação pedagógica nos espaços/cursos que qualificam os sujeitos a manter sua condição de docente, pois se costuma esperar que eles possuam conhecimento do campo específico de sua área, tendo como pressuposto o paradigma tradicional de transmissão do conhecimento.

¹ A pesquisa citada é coordenada pela Prof.^a Dr.^a Maria Isabel da Cunha, e dela participam um grupo de professoras pesquisadoras, mestrandos, doutorandos e bolsistas de iniciação científica.

Paralelamente ao mapeamento das alternativas de qualificação dos docentes universitários e delineamento dos focos de estudo na pesquisa citada, questões complementares, ou talvez, questões anteriores, surgiam em meu pensamento a partir das discussões que fazíamos nos seminários do Curso de Mestrado. Neles estudávamos a formação de professores, as práticas pedagógicas, os saberes docentes e, também, questões ligadas à estrutura curricular e aos valores que caracterizam o campo científico das carreiras universitárias.

Encontrei-me envolvida com diversas provocações sobre a docência universitária e, cada vez mais, me instigava a possibilidade de relacionar as questões que emergiam dos trabalhos que desenvolvia para alicerçar sobre elas meu projeto de pesquisa. Porém, mesmo que tivesse clareza das questões gerais que estruturariam o projeto de investigação, gostaria de desenvolver a pesquisa em um curso previamente determinado,² embora conhecesse as restrições colocadas por muitos cursos para pesquisas que envolvam a sala de aula e a estrutura curricular das carreiras universitárias.

Para minha satisfação, não tardou em aparecer a possibilidade que almejava, quando soube que um grupo de professoras do Curso de Enfermagem da UFPel buscava, junto aos docentes da Faculdade de Educação,³ a possibilidade de constituir um grupo de estudos para discutir e melhor compreender suas práticas, bem como buscar subsídios teóricos para alicerçar alterações na estrutura curricular do Curso de forma a atender as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Enfermagem e Obstetrícia.

Comecei a assistir as reuniões do grupo de professoras para tentar perceber se suas preocupações iam ao encontro das questões que estruturavam o projeto de pesquisa que estava elaborando.⁴

² Estou me referindo ao desenvolvimento da investigação em algum curso ligado às carreiras ditas mais autônomas, que estivesse disponível e que assumisse compromisso com as questões da pesquisa para que pudesse analisar com profundidade as questões relacionadas à docência universitária.

³ As professoras do Curso de Enfermagem procuraram os professores Álvaro Hypólito e Maria Cecília Leite por saberem que suas pesquisas eram direcionadas ao estudo do currículo e ao ensino universitário, respectivamente.

⁴ O convite me foi feito pela professora Maria Cecília, pois naquele momento eu participava da Leitura Dirigida que ela havia ofertado no Curso de Mestrado.

Observei, então, que as preocupações e as expectativas explicitadas pelas professoras se constituíam em um terreno fértil para discutir as questões que me impulsionavam a desenvolver uma pesquisa nessa direção.

Questão de pesquisa: definindo objetivos

A pesquisa teve por objetivo revelar como um grupo de professores do Curso de Enfermagem assume sua condição de docente universitário e expressa concepções sobre o conhecimento, sobre as práticas pedagógicas e sobre as mudanças provocadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais no projeto político pedagógico do Curso.

Com vistas a atingir tal objetivo, propuseram-se especificamente a:

1. perceber o sentimento compartilhado pelas professoras quando refletem sobre suas práticas a partir da formação acadêmica profissional que tiveram;
2. problematizar suas expressões quando falam sobre os desafios que vivem na docência;
3. conhecer como os aspectos trazidos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Enfermagem repercutem em suas práticas e como estão enfrentando as mudanças propostas;
4. explicitar em que medida os docentes estão engajados no trabalho coletivo para a construção do Projeto Político Pedagógico (PPP);
5. observar como a sua formação e experiência profissional influenciam na concepção de uma nova organização dos conteúdos.

A pesquisa desenvolvida é de natureza qualitativa, assumindo a ótica de que a pesquisa não é uma realidade definitiva, nem dogmática, embora não prescindia do rigor para um trabalho percuciente. Vale lembrar o que diz Oliveira (1998, p. 17), quando estuda a importância do método na construção da pesquisa em ciências humanas:

O método não representa tão-somente um caminho qualquer entre outros, mas um caminho seguro, uma via de acesso que permita interpretar com a maior coerência e correção possível as questões sociais propostas num dado estudo, dentro da perspectiva abraçada pelo pesquisador.

Nesta pesquisa buscou-se por informações factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse. Partindo desta perspectiva, os documentos pesquisados constituíram-se numa fonte estável e rica, aos quais recorreremos várias vezes, dando mais estabilidade aos resultados.

O espaço da pesquisa, sujeitos e procedimentos

Minha inserção no campo empírico começou quando ainda elaborava meu projeto de pesquisa e fui convidada pela Prof^a. Dr^a. Maria Cecília a assistir um dos encontros de um grupo de professores da Enfermagem na Faculdade de Educação (FaE) com o propósito de discutir o currículo do Curso. Durante a discussão, expliquei minha proposta de pesquisa e solicitei permissão para gravar, colocando-me como observadora para identificar professores que fariam referências as suas práticas pedagógicas e se manifestariam sobre a relação ser professor e ser enfermeiro, pois esses eram meus focos principais de estudo.

Seus posicionamentos deram-me pistas para mapear aquelas⁵ que poderiam fazer parte da amostra da pesquisa.

Soube, naquele encontro, que nem todos os professores estavam participando do grupo. Ao final, perguntei às selecionadas durante a observação, quais delas teriam disponibilidade e gostariam de fazer parte do estudo que iria desenvolver. De imediato também indaguei quais os professores que não faziam parte do grupo de estudo e que elas indicariam para eu contatar.

Infelizmente, não houve mais oportunidade para eu participar dos encontros, pois como o Curso de Enfermagem estava mudando de prédio, precisaram interromper as reuniões por um período de tempo. Durante esse tempo fiz as entrevistas e optei por um trabalho

⁵ Embora o Curso tenha professores homens, esse grupo era composto só por mulheres.

de análise apenas das entrevistas já que o tempo não me possibilitou “esperas”.⁶

Assim, a pesquisa contou com uma amostra de cinco docentes do Curso de Enfermagem da UFPel, que se disponibilizaram em realizar a entrevista. Dos cinco (5) docentes, quatro (4) eram mulheres e faziam parte do grupo de discussão/estudos na Faculdade de Educação e um (1) docente, homem, que não participava do grupo. A faixa etária foi de 40 a 60 anos e no tempo de magistério superior encontramos oscilação entre 14 e 30 anos. Os entrevistados fazem parte do corpo docente do curso há mais de 10 anos, alguns deles tendo iniciado sua carreira logo após a criação do Curso. Os professores tinham exercido a profissão de enfermeiro (a) antes, ou paralelamente ao seu ingresso na carreira docente. Uma das professoras atuou 11 anos como enfermeira; 2 professores atuaram durante 6 meses e 2 trabalharam como enfermeiros por 6 anos. Três docentes têm mestrado em enfermagem, sendo que uma dessas tem especialização em Metodologia do Ensino Superior; uma professora tem mestrado em educação e doutorado em enfermagem; outra tem mestrado e doutorado em enfermagem.

Para a realização da investigação utilizei como instrumento para a coleta de dados a entrevista semi-estruturada, as quais, de acordo com Minayo (2007, p.64), possibilitam que o entrevistado tenha a oportunidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada. Nesse sentido, as expressões dos docentes sobre sua experiência constituíram-se em importante material de análise. A intenção foi encaminhar questões na entrevista que ajudassem a desvendar alguns aspectos importantes para a pesquisa. Organizei as perguntas em torno dos itens: Formação acadêmica como sustentação para a prática; Ações pedagógicas pautadas pela identidade profissional; ser professor; concepção de conhecimento (cf. tabela a seguir).

Na perspectiva de buscar informações necessárias para dar suporte teórico às interlocuções desenvolvidas durante a tessitura do texto, utilizei a análise de alguns documentos, tais como as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos da Saúde e o projeto político-pedagógico do Curso de Enfermagem e Obstetrícia da UFPel. Não houve preocupação em proceder-se a *análise documental*, como

⁶ Por motivos pessoais mudei para o município de Chapadinha-MA

“uma operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente da original, a fim de facilitar num estado ulterior, a sua consulta e referência” (BARDIN, 1979, p. 45), mas uma consulta a esses documentos para melhor entender as mudanças por eles anunciadas.

DIMENSÕES DE ANÁLISE	FOCOS	QUESTÕES
Prática docente	Saberes/conhecimentos que os professores- enfermeiros julgam importantes para estruturar suas ações como docentes.	Como percebes a contribuição da tua formação acadêmica e da tua experiência profissional para o desenvolvimento da tua prática pedagógica?
Identidade profissional: professor e enfermeiro – professor	O profissional que é formado para atuar em outras áreas do mercado que não a carreira docente, “carrega” características específicas quando passa a atuar na docência – em que medida elas tornam-se um diferencial - concepção de conhecimento que impera quando assumem-se professores.	Fale sobre os desafios na tua profissão com relação ao processo de ensino e de aprendizagem e as contribuições que a formação como enfermeiro trouxe para a docência? A partir das tuas experiências na docência quais as características que consideras mais primordiais para ser professor?
Trabalho coletivo na construção do projeto político-pedagógico	Comprometimento/inserção no grupo de estudos e nas discussões que envolvem a construção do PPP.	Como é realizada essa discussão e como percebes a tua participação e o teu compromisso com o projeto pedagógico no desenvolvimento do teu trabalho.
Repercussão das DCN na sala de aula e no currículo	Os professores percebem as mudanças trazidas na DCN interferindo em suas práticas e/ou no currículo do curso.	As alterações das DCN trazem repercussões para a tua prática docente?

A Docência Universitária: tecendo algumas considerações

Diante da era da informação, da automação do trabalho, e da presença de outras transformações pelas quais passou a sociedade nos últimos anos, observamos que a Universidade vem enfrentando vários desafios. Dentre eles, poderíamos citar alguns, como a falta de recursos para o ensino superior, a (in) definição de sua identidade como produtora efetiva do conhecimento e o crescimento da demanda social que trazem consigo a necessidade de repensar as práticas pedagógicas que acontecem nas salas de aula universitárias.

Da Universidade, espera-se desde a formação de qualidade até a resolução de problemas sociais através da pesquisa e da extensão. No entanto, mesmo que existam muitas expectativas, ela tem sido atingida por escassez de recursos para sua manutenção e por um agressivo “boicote” em seu funcionamento. Como explica Santos (1999, p.187), “um pouco por todo o lado a Universidade confronta-se com uma situação complexa: são-lhe feitas exigências cada vez maiores por parte da sociedade ao mesmo tempo em que se tornam cada vez mais restritivas as políticas de financiamento das suas atividades por parte do Estado”.

Frente a esse contexto, entendemos que é necessário preservar a Universidade como uma instituição que, historicamente, tem se preocupado em manter um ensino superior de *boa qualidade* (RIOS, 2000), e que tem, de acordo com Santos (1999, p.188), três fins principais: a investigação, o ensino e a prestação de serviços.